O DIALECTO MIRANDEZ

Digitized by Google

Digitized by Google

O DIALECTO MIRANDEZ

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA DIALECTOLOGIA ROMANICA
NO DOMINIO GLOTTOLOGICO HISPANO-LUSITANO

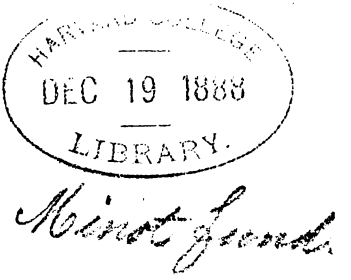
POR

José
J. LEITE DE VASCONCELLOS
Alumno da Escóla Medica do Porto

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
CLAVEL & C.ª — Editores
119 — Rua do Almada — 123
—
1882

Digitized by Google

7243.52



Digitized by Google

AO SENHOR

F. ADOLPHO COELHO

Professor do *Curso Superior de Lettras*,
introductor da *Sciencia da Linguagem* em Portugal:

HOMENAGEM DE RESPEITO E AMISADE

Digitized by Google

Digitized by Google

INTRODUCÇÃO

Não é o portuguez a unica lingua usada em Portugal: além dos differentes dialectos com que ella se apresenta no proprio territorio do continente [1], e d'um certo numero de modos de fallar,

[1] O estudo da *Dialectologia portugueza* hei-de fazê-lo noutra occasião; por isso limito-me a notar aqui algumas particularidades phoneticas: no territorio que vae do rio Minho a pouco alem do rio Douro e se extende a uma parte da Beira-Alta (Sinfães), a lingua portugueza apresenta estes phenomenos caracteristicos ao observador: terminação (archaica) *om* em vez de *ão*, como *coraçom*, etc.; fórmas verbaes sem nasalisação, como *fôro, viéro* (por *fôrão*, i. é., *fôrom, vierom*); os dissyllabos *uim, oi* reduzidos a diphthongos em *rúim, máinho* (moinho) etc.; representação do *es* inicial da linguagem litteraria por *s*, como *sp'rito, strélla, star*, etc.; transformação constante de *l* em *r*, fazendo apparecer antes do *r* um leve *u* *, como *áurdeia* (aldeia), *áurma* (alma), etc.; no Alemtejo e Algarve os diphthongos *ei* e *eu* são reduzidos a *ê*, como *dinhêro, candiêro, mê, tê, sê, ê*, etc.; o diphthongo *ou* é condensado em *ô*, como *sô, andô*, etc.; a 1.ª pess. do preter. perf. da 1.ª conj. acaba em *i* (ex. *andi* = *andei*, etc.) por analogia com a 2.ª e 3.ª conj.

Além d'estas particularidades mais salientes, ha outras secundarias: assim no N. do paiz diz-se *a-i-agua* (a agua), *a-i-égua* (a egua), i. é., faz-se apparecer um leve *i* entre o *a* e *e* finaes atonos ou tonicos d'uma palavra, e o *a* e *e* tonicos iniciaes da palavra seguinte, — factos que creio se não dão no Sul; numa pequena povoação (Pena-Lobo) da Beira-Baixa, o *á* tonico da penultima syllaba é transformado em *é*, como *buréco* (buraco), *aguilhéda* (aguilhada).

O gallego é outro dialecto portuguez que, ao lado de phenomenos communs ao portuguez archaico, e ainda ás vezes ao port. pop. moderno, apresenta phenomenos proprios que lhe dão uma individualidade notavel.

No Brazil e nas nossas possessões da Asia e Africa, fallão-se tambem dialectos do portuguez, estudados pelo snr. Ad. Coelho no seu opusculo *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* (extracto do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, n.º 3, 2.ª serie), e pelo snr. H. Schuchardt no seu opusculo *Kreolische Studien*, I, Wien 1882. Ambos estes glottologos prepárão novos estudos sobre os dialectos creolos.

Ha ainda outro dialecto portuguez que não foi estudado: é o fallado no archipelago da Madeira. Do *Romanceiro* d'este archipelago, publicado pelo snr. A. Rodrigues de Azevedo (Funchal 1880), unico texto que conheço do dialecto, vejo que o caracter distinctivo d'elle é usarem-se exclusivamente

* Este facto foi primeiramente observado, que eu saiba, pelo snr. Ad. Coelho (in *Questões da ling. port.*, pag. 65, not.) que se exprime assim: «O *r* tem ás vezes n'este caso uma pronúncia muito guttural; parece ouvir-se atrás d'elle um *u* consoante, o mesmo som que o inglez *w*». — É nos arredores de Guimarães que eu tenho notado mais particularmente o phenomeno.

Digitized by Google

particulares ás creanças [2], aos rapazes [3], aos pedreiros [4], etc. — falla-se aqui tambem o *mirandez,* que constitue o objecto d'este estudo.

---

as fórmas archaicas *lo, los, la, las* dos artigos definidos. Como o archipelago foi descoberto no primeiro quartel do sec. xv, póde-se concluir que aquellas fórmas erão ainda vulgares no continente nessa epocha. Hoje, como se sabe, essas fórmas apparecem apenas como resultado de assimilação (pelo, todolo, vê-lo, ei-lo, etc.); comtudo encontrei *lo* numa canção popular que recolhi numa serra da Beira-Alta (Vid. o meu livro *Tradições popul. de Portugal,* §, 337 — *k*), e parece que durárão na Galliza até ao sec. xv, segundo uma nota de Saco Arce (*Gr. gallega*) aproveitada pelo snr. M. Fatio in *Romania,* iv, pag. 32, not. 1. No *Cancioneiro da Vaticana* abundão essas fórmas archaicas. — O dialecto da Madeira apresenta outros factos curiosos, como: *nã* (por *não*), fórma usual no Sul do continente (Lisboa, etc.), e que representará a transição de *nom* para *não;* o superlativo indicado por *mui-muito,* como em Gil Vicente (*Obras,* iii, 283, ed. Hamburgo), no dialecto creolo de S. Thiago (Ad. Coelho, *Os dialectos romanicos,* etc., pag. 150 e 195 do *Boletim*) e em hisp.; *nhôra* por *senhôra,* facto corrente nos dialectos creolos (Ad. Coelho, *ib.,* p. 149, etc.), e na linguagem popular do continente (Beira-Alta); *vinhemos,* fórma usada no continente (Traz-os-Montes, etc.), e em gallego; *ambinhos,* deminutivo de *ambos,* fórma que existe no continente numa cantiga popular (Ap. *Trad. pop. de Portugal,* pag. 114), etc.

[2] Cf. as minhas *Trad. pop. de Portugal,* §. 345.

[3] Na Beira-Alta, os rapazes costumão juntar á vogal ou diphthongo de cada syllaba um *p,* por ex.: *estamos satisfeitos,* diz-se: « es-*pis*-tâ-*pâ*-mos-*pus* sa-*pâ*-tis-*pis*-fei-*pei*-tos-*pus*. No Minho, segundo me informa um meu condiscipulo, os rapazes costumão junctar, tambem por brincadeira, *greg* (com *e* surdo como em *Gregorio*); o citado exemplo diz-se assim: « es-*gregis*-ta-*gregâ*-mos-*gregus* sa-*gregâ*-tis-*gregis*-fei-*greguei*-tos-*gregús* ». — Não se cuide que estas formações de linguagem são sem importancia ou exclusivas do nosso paiz. A proposito do estudo de C. Nigra *Fonetica del dialetto di Val-Soana* (in *Archivio glottolog. italian.,* t. iii, n.º 1) diz o snr. P. Meyer numa critica in *Romania,* iv, 293-4: « Le gergo de Val-Soanna est le résultat d'une modification absolument arbitraire du patois de cette vallée. Les habitants de Val-Soanna l'emploient lorsqu'ils veulent éviter d'être compris par des personnes étrangères à leur vallée, qui autrement pourraient entendre le dialecte naturel du pays. Il est curieux de constater combien sont pauvres les procédés de modification mis en œuvre. Le principal consiste dans l'intercalation du groupe *oth, ath, ith* (*th* anglais dans *think*), ainsi *port-oth-jér* (porter), *port-oth-iré* (je porterai), etc. On voit que c'est le principe sur lequel est fondé le *javanais* (voir les annonces du *Figaro* du dimanche, *passim*) — ». Na introducção de M. Cubi y Soler aos *Ensayos poeticos en dialecto berciano,* por F. y Morales (Leon 1861) leio tambem: «... en castellano vemos que los niños se forman una jerigonza que consiste en la introduccion del sonido *guede, gada,* etc., en medio de cada silaba. Para decir v. g. *Como estamos?* se espresan asi: *cogodo — mógodo éguedes — tágades — mógodos?* En catalan se usa por lo comon la *x,* representando el sonido de *ch* francés en *chanson.* En esta jerga esa frase se diria: *coxó — moxó exéstaxá — moxós?* Los grandes poliglotas han encontrado esta costumbre en muchas partes, sobre todo en Asia — » (ob. cit., pag. xiii, not.).

[4] Os pedreiros, os ciganos, os contrabandistas, etc., usão entre si uma

Digitized by Google

A zona geographica do mirandez limita-se, porém, aos arredores da cidade de Miranda-do-Douro, em Traz-os-Montes. É evidente que, ao lado do mirandez, — lingua popular —, vive o portuguez como lingua official e empregada pelas classes illustradas, ou ainda pelas populares, quando estas se querem tornar intelligiveis ante as pessoas que desconhecem o dialecto.

Os mirandezes châmão *gráve* á lingua portugueza, sendo até vulgar a expressão: «tu fallas *grave*?» (i. é, «fallas mais apurado?»). Em algumas povoações, como Villar-Sêcco, diz-se *pâ-li* (=para alli), em virtude do que os habitantes de outras povoações, onde tal expressão se não usa, exclâmão escarnecendo os de Villar-Sêcco: «vaes *pâ-li*?». Estas denominações de desprêso são muito vulgares nas differentes linguas, como o lat. *barbarus*, e ainda mais. Cfr. as *geadas* gallegas.

Sería, com tudo, muito conveniente que, assim como na Irlanda, com a *Sociedade para a conservação da lingua irlandeza*, na Escocia, com *The Scottish Celtic Review*, etc., na Baixa-Bretanha, com a *Revue celtique*, e um sem número de outras publicações, na Provença, com o *Armana Prouvençau*, etc., na Catalunha, na Andaluzia, nas Asturias, na Galliza, na Sicilia, etc., etc., com differentes trabalhos folkloricos e litterarios, se tem operado um salutar movimento de renascença linguistica, — tambem os mirandezes fizessem todos os esforços, não direi já por meio de uma sociedade ou um jornal especial, mas ao menos pela conversação familiar, pela correspondencia epistolar, pela publicação de artigos litterarios e tradições populares, para manterem o seu dialecto intacto o mais possivel contra as invasões do portuguez e do hispanhol.

Assim se produziria um facto de alto interesse glottologico, e ao mesmo tempo se firmaria uma das raizes do amor da patria,

---

gíria notavel. Assim, segundo me informão dois meus condiscipulos, os pedreiros em Paredes e S. Martinho de Moiros dizem *mói* por *eu*, *tói* por *teu*, *sói* por *elle*, *galério* por chapeu, *gâmbias* por *pernas* (este termo é tambem usado vulgarmente), etc. Em *mói*, *tói*, *sói*, parece que temos uma pronúncia errada do francez *moi*, *toi*, *soi*; em *galério* ha o latim *galerus*; em *gâmbias* o lat. *gamba* (Diez, *Gr. des l. rom.*, I, 34; cf. *cambas* no *Poema de Alex.*, e o port. *cambado*).

Digitized by Google

porque entre os elementos que constituem uma sociedade qualquer, — familia, municipio, tribu ou nação, — é com certeza a lingua um dos mais importantes.

O presente estudo sahiu já, um pouco mais imperfeito do que agora, em folhetins dos n.os 472, 473, 479, 482 e 483 do jornal de Penafiel *O Penafidelense* (Julho-Agosto de 1882).

As primeiras informações que colhi a respeito do dialecto mirandez devo-as, na maxima parte, ao estudioso alumno da Academia Polytechnica do Porto o meu amigo o snr. Manoel Antonio Branco de Castro, natural da freguezia de Duas-Igrejas (concelho de Miranda); depois augmentei-as, já com novos materiaes fornecidos pelo mesmo alumno na occasião das ferias de Agosto e Setembro d'este anno, já com o interrogatorio pessoal, que fiz a uma mulher mirandeza analphabeta, e a outras pessoas com quem me pôz em relação o digno major de cavalleria n.º 7, de Bragança, o snr. J. Ferreira Sarmento. Materiaes de ordem diversa vierão de algum modo tornar mais completo este trabalho, que eu, ainda assim, publíco, não como definitivo, mas como simples notas, cuja deficiencia provém de mais a mais de constituirem ellas o meu primeiro ensaio glottologico, e de nada existir escripto sobre o mirandez, além do que eu tinha publicado.

Nas comparações que faço com outros dialectos romanicos, tenho em vista principalmente mostrar a generalidade das leis. Muita gente, sem duvida por não possuir sequer os rudimentos da glottologia, sciencia moderna nos seus methodos, suppõe que a linguagem popular é desconnexa, arbitraria, corrupção estupida da linguagem litteraria; e no emtanto nada ha mais falso, porque, como muito bem notou É. Littré, « beaucoup de mots et de tournures, oubliés ailleurs, survivent dans les différents patois; en lisant les glossaires, en causant avec les paysans et les ouvriers, on trouve que le vieux langage est moins mort qu'on ne croyait » (*Hist. de la langue française,* II, 94, ed. 1878).

Apresentando aos mestres da glottologia este curto ensaio sobre um dialecto, evolução legitima do latim popular outr'ora fallado na Lusitania, espero que as luzes da critica me elucidem no que esse ensaio tiver de defeituoso, e me animem assim a proseguir numa ordem de estudos tão novos, tão importantes, tão bellos, e ao mesmo tempo tão pouco cultivados na peninsula iberica, onde ape-

Digitized by Google

nas sei de quatro ou cinco individuos que me possão dar uma opinião segura sobre o assumpto.

Eis a lista das obras que principalmente consultei para as comparações com o mirandez:

Glottologia romanica em geral

Grammaire des langues romanes, par F. Diez (trad. fr. em 3 vol. Paris, 1874-1877);

Studien zur romanischen Wortschöpfung, von Carolina Michaëlis (Leipzig 1876);

Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française, par Gaston Paris. (Paris-Leipzig, 1862);

Romania, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par P. Meyer et G. Paris.

Portuguez

Questões da lingua portugueza, por F. Adolpho Coelho (Porto, 1874);

Theoria da conjugação em latim e portuguez, pelo mesmo (Lisboa, 1871);

Grammatica portugueza, de A. Epiphanio Dias (Porto, 1878);

Linguagem popular portugueza, por J. Leite de Vasconcellos (in *Penafidelense,* 1882).

Gallego

Gramatica gallega, de Saco Arce (Lugo, 1868).

Manualetti d'introduzione agli studj neolatini, II, *Portoghese e gallego,* por E. Monaci (textos), e F. d'Ovidio (grammatica) (Imola, 1881);

Diccionario gallego, de Cuveiro Piñol (Barcelona, 1876).

Leonez

Das Altleonesische, — ein Beitrag zur Kenntniss des Altspanischen, von Dr. Gessner (Berlin, 1867);

Digitized by Google

Libro de Alexandre, estudo de A. Morel Fatio (in *Romania,* IV);

Poema de Alexandre Magno (in *Coleccion de poesias castellanas anteriores al siglo* XV, por Sanchez — Paris, 1842): como texto;

Études de phonologie espagnole et portugaise, por J. Cornu (extracto da *Romania,* t. IX) [5].

Asturiano

A introducção de Varnhagen ás *Trovas e Cantares* (Madrid, 1849);

Coleccion de poesias en dialecto asturiano (Oviedo, 1839): como texto [6].

Andaluz

El Folklore andaluz, revista sevilhana (1882): como texto;

Cantos populares españoles, de F. Rodriguez Marin (Sevilha, 1882, 2 vol.): idem [7].

Catalão

Estudios de lengua catalana, por M. Milá y Fontanals (Barcelona, 1875) [8].

Convém ainda fazer uma nota: na transcripção dos termos mirandezes empreguei de ordinario a orthographia phonetica, referindo-a á portugueza; de modo que, com as indicações que dou, quem souber pronunciar bem o portuguez, sabe egualmente pronunciar o mirandez.

Porto, 8 de Novembro de 1882.

---

5 Trabalho que eu devo á amabilidade de seu illustrado auctor.

6 Á distincta romanista, a snr.ª D. Carolina Michaëlis, agradeço o obsequio que me fez emprestando-me este livro e o citado estudo de Gessner.

7 Sobre o dialecto andaluz ha um estudo moderno do profess. H. Schuchardt; mas até á data em que escrevo não me foi possivel lê-lo: conheço-o apenas por algumas criticas bibliographicas.

8 Ao snr. Milá y Fontanals, um dos mais doutos folkloristas da peninsula iberica, agradeço a offerta d'este seu trabalho.

Digitized by Google

I

Phonetica

A. Vogaes e diphthongos

1. O *a* lat. tonico, tanto longo, como breve, conserva-se geralmente em mir.: *cáro* (cārus), *altár* (altare), *cháve* (clāvis), *álma* (ănima), *Diábo* e *Diábro* (Diăbolus).

2. O *ĕ* lat. tonico está representado por *iê* em *diêss* (dĕcem), *viêlho* (vĕtulus), por *i* em *nim* (nĕc); mas *bên* (vĕnit), *tên* (tĕnet), etc. O *e* lat. tonico em posição está representado por *iê* em: *fiêrro* (ferrum), *ciênto* (centum), *tiêrra* (terra), *semiênte* (sementis), *ardiênte* (ardens), *impertiniênte* (impertinens), *siête* (septem), etc., e (na raia do concelho de Miranda) *sacramiênto* (sacramentum), *testamiênto* (testamentum), etc. O *ē* lat. está representado por *é* nos infinitivos, como *debér* (debēre), *vér* (vidēre), etc., e por *ê* em *chêno* (plēnus). O lat. *ĕqua* está representado por *iúga,* talvez em virtude dos seguintes intermedios: *iégua* (cf. cast. *yegua*) e * *ieuga,* ainda que tambem talvez fosse possivel o intermédio * *euga* (sobre * *euca;* cf. *míu,* etc.).

3. O *i* lat. soffre em geral as mesmas modificações que em portuguez. O lat. *sĭne* está em mir. representado por *sim.*

4. O *ŏ* lat. tonico está representado por *ó: hóme* (hŏmo); por *ô*: *nôbe* (nŏvem), *bôno* [9] (bŏnus); por *ou: lhougo* (lŏcus); por

---

[9] No *Libro de Alexandre: bono.*

Digitized by Google

u: bui (bŏve-); por *uê* (diphthongo): *suêlo* (sŏlum); *puêsto* (pŏsitus), etc. O ō lat. tonico está representado por *ó* em *nós, vós, glória, nóbre,* etc. O *o* tonico em posição está representado por *ô: môrte* (mors), etc.; por *u: úito* (octo), *núite* (nocte-), *almuço* (admorsus), *sunho* (somnus, somnium), *nusso* (noster), *vusso* (vostér).

5. O *u* lat. tonico, quer longo, quer breve, quer em posição, conserva-se em: *scuro* (obscurus), *mudo* (mutus), *jugo* (jugum), *Agusto* (=port. *Agosto*), etc.; mas *boubéla* (demin. de *pūpa*).

6. O som que no port. se acha representado pelo dissyllabo *io* (*i-o*) acha-se em mir. representado pelo diphthongo *iu* (egual aos dos preteritos port. *fugiu, mentiu,* etc., no Porto, etc.), como *riu* (subst.), *friu, tiu.*

Tambem na pequena aldeia de Sercosa (concelho de Vouzella) se dá o mesmo curioso phenomeno que em Miranda.

7. A terminação port. *ia* está sempre ou quasi sempre substituida em mir. por *iê* (sendo o *i* rapido), como *friê* (fria), *diê* (dia).

8. Ao diphthongo port. *ão* (port. ant. e dialectal *om*) corresponde o mir. *om, ã, ano, ana,* como: *coraçom, pã, mano,* etc. Ao port. *ã* em *rã, maçã, manhã,* corresponde o mir. *ana: rana, maçana, manhana.* Cf. o cast.

9. Palavras que em port. (excepto na ling. pop.) terminam por nasal, em mir. terminam por vogal oral, como: *home* [10], *onte, virge, romaige, viage.*

10. As palavras portuguezas *mãe, muito,* não são nasalisadas em mir., e por isso pronunciam-se como se acham escriptas: *mái, múito* [11].

11. O latim *-ariu-* está representado por *airo: almairo, ordinairo,* etc.

B. Consoantes

1. Ha epenthese d'um *r* entre labial e vogal em *freijom* = =*feijão;* entre dental e vogal em *atronar* (cast. *tonar,* do lat. *to-*

---

10 *Alex.: omme.*

11 Em gallego ha *nai,* que, como o snr. Ad. Coelho já notou nas *Questões da ling. port.,* p. 418, representa a fórma *mae,* que era desconhecida,

Digitized by Google

nare) por *trovejar* [12]; cf. o mir. *drento* = *dentro* (como o it. e o gall.).

2. O som *b* da palavra port. *batata*, é em mir. *p*: *patáta* (ling. pop. port. *patata* na Beira Alta; ao pé de Soajo *matata*); cfr. *boubéla* por *poupa* (lat. *pūpa*).

3. O *m* do port. *melancia*, é em mir. (como na ling. pop. port.) *belancia*; mas diz-se *melom* (melão).

4. O som latino, que nas palavras port. *queijo*, *beijo*, se acha representado por *ij* tem em mir. o som de *iz*: *beizo* (lat. *basium*), *queizo* (caseum). Tambem se diz *beio* = *vejo* (video).

O lat. *genuculum* (ant. port. *geôlho*, ainda pop.) deu em mirandez *zinólho* [13].

5. Os sons port. *s* e *z* são em mirandez quasi *x* em *sou* = = *seu*, *quix*, *alvixaras* (alviçaras), *páixaro* (passaro). O som port. *x* acha-se em mir. representado por dous modos: um forte, *tch* (como em geral no Norte do reino) = lat. *cl*; outro dôce, *x* (*ix*) = = lat. *x*, *ps*, *sc*, *ss*: *chamar* (clamare), *chábe* (clavis); *graixa* (crassa) *páixaro* (passer), *côixo* (cossus), *faixa* (fascia), *caixa* (capsa). Onde em port. ha *es* inicial, ha em mir. (como no Minho) apenas *s*: *sp'rito* (spiritus), *star* (stare), etc.

6. *a*) O *l* lat., no principio de syllaba, acha-se em mir. representado por *l* molhado (port. *lh*, cast. *ll*):

lhama (lat. *lama*, cast. e port. *lama*)
lhado (lat. *latus*, cast. e port. *lado*)
lhébre (lat. *lepus*, cast. *liebre*, port. *lebre*)

---

mas que agora apparece no mir.; no *Dicc. gallego* de Piñol encontro tambem *may* (familiar por *madre*), que provavelmente não é nasalisada. Ao mir. *muito* correspondem as fórmas gallegas *muito* e *moito*, que não são nasalisadas.

[12] Em *freijom* ha realmente um phenomeno phonetico (cf. o pop. port. *chefre* = *chêfe*), ou uma analogia com *frei*?

A proposito da fórma port. *celestre*, por *celeste*, diz a snr.ª D. Carolina Michaëlis: «Einschaltung von *r* nach *t* und *d* (wie auch nach *f*) ist im vulgair Port. und Galliz. sehr beliebt» (*Ein Portugiesisches Weihnachtsauto*, PRATICA DE TRES PASTORES. — Braunschweig, 1881, p. 40) — Cf. tambem Diez, *Gramm. des l. rom.* I, 207, — e o meu art. *Ensaios glottologicos*, II, in *Revista Scientifica*, do Porto.

[13] Diz Gessner: «Im *Alej.* findet sich *gynoio*, *ienoio* (span. *hin.*) 103, 1094 — » (*Das Altleonesische*, p. 15). No *Alex.* encontrão-se fórmas com *i* ao lado de fórmas com *ll*, como: *conseio*, *conselho*; *meior*, *mellor*; *oios*, *ollos*, etc. (Vid. A. Morel-Fatio, — *Libro de Alexandre* in *Romania*, IV, 31).

Digitized by Google

lheite (lat. *lac,* cast. *leche,* port. *leite*)
lhôbo (lat. *lupus,* cast. e port. *lobo*)
lhôdo (lat. *lutus,* cast. e port. *lodo*)
lhugar (lat. *localis,* cast. e port. *lugar*)
lhôugo (lat. *loco,* cast. *luego,* port. *lógo*)
lhume (lat. *lumen,* cast. *lumbre,* port. *lume*)
lhuna (lat. *luna,* cast. *luna,* port. *lũa* e *lua*)
lhuss (lat. *lux,* cast. *luz,* port. *luz*).

Excepções: *loureiro* (lat. *laurarius*), *linterna* (lat. *lanterna*), *limom* (lat. *limonem*); talvez a lei esteja em ser atona a syllaba a que pertence o *l*.

Tambem se diz *lhembrar* = *lembrar* (lat. *memorare,* ant. port. *nembrar*); mas diz-se *laranja* (arab. *nāranj*). Cf. mais: *lhevantar, lhagarta, lhadeira, lhatoneiro;* onde porém, ou pelo menos em alguns casos, o *lh* poderá provir de influencia de palavras em que elle seja conforme á regra.

b) O *l* simples, no principio de syllaba que não seja inicial, tem o som de *l* em:

pêlo (lat. *pilus,* cast. e port. *pelo*)
ciêlo (lat. *coelum,* cast. *cielo,* port. *ceo*).

c) O *l* geminado (*ll*) acha-se representado em mir. por *lh,* ex.:

alhá (lat. *illac,* cast. *allá*)
aniêlho (lat. *annellus* em Horac.; cast. *anillo;* gall. *anelo,* port. *annel*)
cabalho (lat. *caballus,* cast. *caballo,* port. *cavallo*)
galhina (lat. *gallina,* cast. *gallina,* port. *gallinha*)
streilha (lat. *stella,* cast. *estrella,* port. *estrella*)
valhe (lat. *vallis,* cast. *valle,* port. *valle, val*).

Excepções: *villa,* (lat. *villa*), talvez por influencia do portuguez (linguagem dos tribunaes e outras repartições), *le* (= lhe; *illi* [14]).

---

[14] Esta tendencia para o *l* molhado (*lh*), quer tendo por base o lat. *l,* quer o lat. *ll,* é rara em portuguez (cf. *lhe,* ant. *lhi,* do lat. *illi,* ao lado do pop. vulgar *le;* cf. tambem *Questões da ling. port.* por F. Ad. Coelho, p.

Digitized by Google

d) As terminações lat. *iculus, icula,* etc., que em portuguez, (na Beira-Alta e outros pontos), se áchão representadas por *êlho, êlha,* e (no Porto e outras partes) por *éilho, éilha,* áchão-se representadas em mir. d'este ultimo modo:

abéilha (apicula)
conéilho (cuniculus)
conséilho (consilium)
oréilha (auricula)
téilha (tegula).

Parece haver uma excepção em *viêlho* (vetulus), *viêlha.*

7. O grupo *gn* está representado por *n*: *persinar* = *persignar.*

8. A guttural castelhana *j* parece que é desconhecida; a não ser que em *pillega* (que vive ao lado de *piêlhe* = *pelle,* lat. *pellis*), em *ghiê,* e em *gôrta* na raia por *hôrta;* cf. extremenho hisp. *güerta,* astur. *güerto* [15]), haja talvez o quer que seja d'esse som.

---

368); o *ll* cast. proveniente do lat. *ll,* é a regra, mas proveniente do *l* simples encontra-se em um pequeno número de palavras, excepto, como Diez observa (*Gram. des l. rom.*, I, 190-191), em fórmas archaicas e dialectaes; no *Libro de Alexandre* (ant. dialecto de Leão): *llegar* (ligare), *llodo.* No dialecto asturiano, como póde ver-se *passim* na *Coleccion de poesias en dialecto asturiano,* Oviedo 1859 (ex. *llibrar-se, illumina, llugar, lletreros, enllutados,* etc.), é frequentissimo o *l* molhado. Na obra da snr.ª D. Carolina Michäelis, *Studien zur Romanischen Wortschöpfung,* Leipzig 1876, diz-se: « wenn der Asturier jedes anlautende *l* zu *ll,* jedes *n* zu *ñ* erweicht (llagrima, lleche, lluego, lluna, ñatura, etc.) — » (p. 112, not.). — O *lh* do dialecto mirandez é, pois, um caracter que o aproxima do leonez e asturiano, isto é, do grupo dialectologico NO. da Hispanha. — Em catalão, porém, o *l* inicial molha-se quasi sempre, como Diez observa (*loc. cit.*): *llansa, llengua, llibre, llog,* etc. Cfr. M. y Fontanals, — *Estudios de lengua catal.*, p. 5.

[15] A aspiração não é exclusiva do castelhano. Em port., como o snr. A. Epiphanio observa, « toda a vogal do principio d'uma palavra (v. g. *aba, ôvo*) é precedida d'uma branda aspiração, que podemos considerar a 20.ª consoante » (*Gram. port.*, ed. 1878, p. 9); as interjeições *oh! ah!* parece tambem offerecerem o quer que seja d'uma leve aspiração. — Os gallegos pronuncião o *g* aspirado em *Galliza,* etc. (pelo menos tenho ouvido essa pronúncia a alguns); cf. o que diz Piñol: «... las diferencias en la pronunciacion, que los unos hacen siempre *z* á *s,* ó vice-versa, *otros á la* g *suave* j *fuerte* ». (*Dicc. gallego,* introd.) — Na Andaluzia e Extremadura hisp. o *f* latino acha-se substituido por um *h* aspirado, d'onde até o adagio commum ás duas provincias:

Digitized by Google

*

Nos capitulos seguintes vão indicados outros phenomenos phoneticos.

II

Morphologia

A. Pluraes

O plural dos nomes acabados em *al, el, il, on, an,* forma-se como em castelhano: *animal, animales; castanhal, castanhales; cascabel, cascabeles; funil, funiles; coraçõ, coraçones; limon, limones; pã, panes;* isto é, não ha syncope do *l,* nem mudança do *n* em resonancia nasal (o port. é *animaes, corações,* etc.).

B. Deminutivos

Como na linguagem popular do Minho, ha em mir. muitos deminutivos em *ico: rapazico, rapazica* (de *rapaza,* feminino de *rapaz*), *ventico* (de *vento*), *banquico* (de *banco*), *pedrica* (de *pedra*). Este suffixo deminutivo é vulgar em castelhano.

C. Artigos

1. O som do art. definido masculino só sendo ouvido se póde saber bem (tanto segundo a pronúncia do snr. Branco, como de outras pessoas que consultei); representa-lo-hei por *el* para o

---

Tóo aquér que no diga jacha, jorma y jiguera
No es de mi tierra...

Esta aspiração, segundo J. Storm (in *Romania,* v, 179), persiste nos aldeões de Puerto-Rico.

Digitized by Google

sing. (sendo o *e* muito surdo, como o *e* de *segar*), e por *els* [16] para o plural (sendo o *e* igualmente muito surdo, e o *l* soando um pouco, quasi *le* com *e* tambem muito surdo [17]). Ha um art. neutro *lu*, ex.: *viê-lu* (via-o [18]).

Em vez do port. *ao*, o mirandez tem, como o castelhano, *al* (e quasi *ále*), fórma que será, não, como querem os grammaticos, uma combinação de *a* e *el* (com quanto no ant. cast. appareça *á el*, e modernamente se possa, por ex., dizer *á el alcance*, por *al alcance*), mas de *á* com *lo* ou *le*. Antes de vogal, o art. masculino toma a seguinte fórma, segundo a pronúncia do snr. Branco: *l'home, l'aire, l'outeiro*. Em *vér las móças*, por ex., não ha assimilação, da mesma maneira que em cast., onde se diz, por ex.: *saber-lo, conocer la familiaridad, todos los*, etc., comquanto o *s* de *todos los* seja quasi mudo. Em port. diz-se *todo-los* (por *todol-los, todos-los*), *sabê-lo* (por *sabel-lo, saber-lo*), phrases em que o *s* e o *r* se não transformárão em *l*, como muitas grammaticas tolamente affirmão, mas se assimilárão ao *l* do art. na sua fórma archaica *lo, la* (ainda vulgar na linguagem popular da Madeira), que assim se conservou até hoje. Em mir. *todos os homens* sôa, segundo o meu citado informador, *todles homes*, havendo como que um *e* muito surdo adeante do *d* [19].

2. O art. femin. é *lâ* para o sing., e *lâs* para o pl.

3. Os art. indefinidos são: *um, uns*, (masc.) *ũa, ũas* (fem.). As fórmas *ũa, ũas* correspondem a uma orthographia anti-

---

[16] Cf. *els* (ells), pl. de *el* (ell) no dialecto catalão de Barcelona, e o fr. *ils*.

[17] É mesmo difficil ás vezes distinguir se quem pronuncia o art., tanto no singular como no plural, pronuncia *le* se *el, les* se *les*, ou *eles* (sendo, como disse, o *e* muito surdo em todas as syllabas), ou se ainda *lu*, pl. *lus*, (ex. *lus homes*).

[18] No castelhano ant., e notavelmente no dialecto leonez, apparece *lo* em vez de *el* (ex.: *lo lazo*, Alex. 789; *con l'infant*, 158; *l'arenal, Fita*, 160, etc., e reunido a preposições. — Diez, *Gramm. des l. rom.* II, 28). No *Poema de Alexandre* (ed. Paris 1842) acha-se por ex.: *El padre de* VII *annos metiolo á leer*, (16). — O snr. Morel-Fatio no seu estudo sobre o *L. de Alex.* (in *Romania*) cita as fórmas *enno, pollo, sabeno* (*sabenlo*), *quieno* (*quienlo*), *tralos* (*traslos*), etc., onde ha assimilação, e accrescenta. « Nous venons de montrer que la forme la plus usitée de l'article masc. est *lo, los* (écrit aussi *llo, llos*, etc.) — (ib. p. 31-32): « Une forme plus ancienne qui ne semble guère avoir vécu au-delà du XIIIe siècle et que nous retrouvons souvent dans l'*Alex.* est *elo, a, elos, as* — (ib. p. 33).

[19] No *Poema de Alex.*: *todalas sus viziones; todalas que vio*, etc.

Digitized by Google

ga portugueza, á moderna pronúncia popular portugueza, e ao gallego.

D. Pronomes

1. Pronomes pessoaes:

	1.ª pess.	2.ª pess.	3.ª pess.
Singular...	iou	tu	él
	mi	ti	éilha
	me	te	le
			se
			si
Plural.....	nós	vós	éilhes / éilhas

2. Pronomes possessivos:

míu (cast. *mio*)
miê (minha; astur. *mió*, masc. e fem.)
tôu (ant. leonez *to*)
sôu (ant. cast. *so;* astur. *so;* cf. sicil. *sso* [20])
nusso (ant. leonez *nostro*)
vusso (lat. arch. *voster*)

3. Pronomes demonstrativos:

éste	aquél
ésta	aquéilha
êsto (na raia) / isto	aquilho
ésse	
éssa	
êsso / isso	

4. Pronomes relativos: que, quiên, qüal, qüales.

---

[20] As fórmas *iou, tou, sou* (*sou* quasi *xou*) parecem formadas pelo alongamento do *o* de *yo, to, so,* como o port. *dou, estou,* do lat. *dō, stō.*—Em *lhougo* (de *lŏco*) teremos o mesmo alongamento, ou, como o snr. Ad. Coelho me suggere, uma fórma em vez de * *luogo* (cf. ant. leonez *buono*) correspondente ao cast. *luego?*

Digitized by Google

E. Verbos

1. Conjugação de *amar:*

INDICATIVO

Pres.	*Imperf.*	*Defin.*	*Mais que perf.*	*Futuro*
amo	amába	amei (*i* rápido)	amára	amarei
amas	amábas	améste [22]	amáras	amarás
ama	amába	amou	amára	amará
amâmos	amábamos	amêmos [23]	amáramos	amarêmos
amais	amábades [21]	amêstes	amárades [25]	amareis
âmã	amábã	amórũ [24]	amárã	amarã

---

[21] O *d* das 2.as pessôas pl. é perfeitamente archaico. Em gallego diz-se ainda (com o accento na penultima syll., como em lat.) *falabádes, falarádes,* etc. (Cfr. *Gram. gall.* de Saco Arce, e *Portoghese e Gallego* de Monaci e Ovidio). No dialecto salamanquino *tirad-vos* (Morel-Fatio, — in *Romania*). No port. arch. abundão as fórmas em *-ades,* etc. (lat.-*tis*), que ainda ás vezes occorrem na ling. pop. moderna.

[22] A respeito da terminação *este,* applico ao presente caso o que Diez (*Gramm.* II, 162) diz da conjug. castelhana: « Deve-se ainda notar a terminação *este* em vez de *aste* no *Poema de Cid,* por ex. 341, 347, 359, 361, *salveste* = prov. *salvest* ». É por influencia da 1.a pessoa?

[23] Na ling. pop. port. tambem se assim diz; creio que é uma fórma por analogia com a 1.a pess. do sing. A analogia desempenha um grande papel na conjugação, não só no port., como noutras linguas. Eis alguns exemplos: «... on trouve dans plusieurs patois... (3.a pess. plur. do ind. presente): *ils voulont, ils marchont.* Cette prononciation vicieuse provient d'une assimilation erronée à la 1re pers.: *nous voulons, nous marchons,* à l'aquelle on a aussi rapporté la 1re pers. du singulier: *je voulons, je marchons.* Ces confusions sont fréquentes; on dit de même *j'ons* pour *j'avons* à cause de *ils ont,* par une influence contraire de la 3e pers. sur la 1re... On doit expliquer de la même manière les troisièmes pers. plur. de l'imparfait du subjonctif accentuées sur la dernière, come *fussient* ou même *fussant,* citées par M. Busguy (I, 266); c'est une assimilation erronée et fort rare de la 3e pers. à la 1re. — » (Gaston Paris, — *Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française,* Paris-Leipzig 1862, p. 18, not.). Nos *Cantos populares españoles* (tom. II, n.º 2312) de F. R. Marin, leio:

Me *tapastes* con tu capa

onde *tapastes,* como na linguagem pop. port., está por analogia com a 2.a pessôa pl., ou antes, senão tambem, com as 2.as pessôas dos differentes tempos, todas as quaes terminão em *s.* O gall. accentúa o *a* da ante-penultima syll. do pres. conj. pl. (*bátamos, bátades,* etc.) por analogia com a 1.a pess. O povo port. diz *ténhamos* pelo mesmo motivo. Ainda por analogia o port. diz *cantávamos.* Como se vê, ha nestes factos uma lei geral que importa verificar; não se póde dizer com muita razão que ella seja erronea.

[24] No ant. dialecto de Leão encontra-se *vioron* (por *vieron*), *sopioron* (por *supieron*); na provincia de Salamanca diz-se, segundo Sanchez (na noticia sobre o *Poema de Alex.*), *vioren* (por *vieron*), *salioren* (por *salieron*). No *Alex.* (est. 9):

« *Cayoron* de las nuves muchas piedras punnales »;

mas o *ó* do mir. (*amórum,* etc.) creio que provém de analogia com a 3.a pess. do sing.; não tem nada que ver com estas fórmas leonezas.

[25] Vid. not. 21.

Digitized by Google

CONDICIONAL	CONJUNCTIVO			PARTICIPIOS
	Presente	*Imperf.*	*Futuro*	
amariê [26]	ame	amasse	amar	amando
amariês	ames	amasses	amares	amado
amariê	ame	amasse	amar	
amariêmos	amêmos	amássemos	amarmos	
amariêdes	ameis	amássedes	amardes	
amariêm	âmam	amássam	amárã	

2. Conjugação de *devér:*

INDICATIVO

Presente	*Imperf.*	*Defin.*	*Mais que perf.*	*Futuro*
dévo	deviê	devi	devíra	deverei
déves	deviês	deviste	devíras	deverás
déve	deviê	deviu	devíra	deverá
devêmos	deviêmos	devimos	devíramos	deveremos
deveis	deviêdes	devistes	devírades	devereis
dévã	deviêm	devirum	devírã	deverã

CONDICIONAL	CONJUNCTIVO			PARTICIPIOS
	Pres.	*Imperf.*	*Futuro*	
deveriê	déva	devisse	devír	deviêndo
deveriês	dévas	devisses	devires	devido
deveriê	déva	devisse	devir	
deveriêmos	dévamos [27]	devissemos	devirmos	
deveriêdes	dévades	devissedes	devirdes [28]	
deveriêm	dévã	devissã	devírã	

---

[26] Vid. PHONETICA, *vogaes*, §. 7. Tractando da conjugação castelhana, escreve Diez: « Ao lado de *ia* era *ie* antigamente quasi do mesmo modo auctorisado: *cantíe, cantaríe, habríe, perderíemos, veríedes* » (*Gramm.*, II, 155); e em nota: « Il faut remarquer l'accentuation, d'ailleurs rare, de *ponién, hacién, servién,* qui riment avec *bién, Belén,* voy. *Flor.* n. 23, ainsi comme en italien » (*ib., ib.*). No mir., por ex., *puniên* rima tambem com *biên.* No *Poema de Alej.* (ed. 1842, est. 17) lê-se:

... cada dia *facie* disputacion
Tanto *avie* buen enienno, etc.

No mesmo poema se lê *tenie* (=tinha), etc.

[27] Vid. not. 23.

[28] Em *Alex.: comirdes;* cfr. mais com o mir. as fórmas do *Alex.: movissen, perdíra, valíra,* etc. (Apud J. Cornu, *op. cit.*, p. 23).

Digitized by Google

3. Conjugação de *unir:*

INDICATIVO

Presente	*Imperf.*	*Definido*	*Mais que perf.*	*Futuro*
uno	uniê	uni	unira	unirei
unes	uniês	uniste	uniras	unirás
une	uniê	uniu	unira	unirá
unimos	uniêmos	unimos	uníramos	uniremos
unis	uniêdes	unistes	unírades	unireis
únã	uniâm	unírum	unirã	unirã

CONDICIONAL	CONJUNCTIVO *Presente*	*Imperfeit.*	*Futuro*	PARTICIPIOS
uniriê	una	unisse	unir	unindo
uniriês	unas	unisses	unires	unido [29]
uniriê	una	unisse	unir	
uniriêmos	únamos	unissemos	unirmos	
uniriêdes	únades	unissedes	unirdes	
uniriêm	únam	unissã	unirã	

4. *Varias fórmas verbaes:*

a) sou	fui	fusse	fur (for, etc.)	serei
{sós / ghiês	fuste	fusses	fures	serás
ghiê [30]	fui	fusse	fur	será

---

[29] O imperativo das tres conjugações é como em portuguez.

[30] Ás fórmas *ghiês, ghiê* (onde o *i* é rapido, e o *g* é muito leve, talvez uma branda aspiração) corresponde o asturiano *ye, yes;* cf. estas adivinhas asturianas (*Coleccion de enigmas y adivinanzas,* por Demofilo, — Sevilha 1880):

> *Ye* verde y non del huertu (p. 377)
> Qué cosa, cosadiella *ye?* (p. 380)
> Canapudu *ye* (ib.)
> Burru *ye* (ib.), etc.

e a *Coleccion de poesias en dialecto asturiano* (Oviedo 1839), *passim.* O astur. *ye* (e *yes*) é uma diphthongação de *es, est,* como *yerba* (lat. *herba*), *yegua* (lat. *equa,* etc.). O *g* do mir. *ghiês, ghiê,* pode-se comparar, quanto ao *g* inicial, com a fórma *güebo* (lat. *ovum*) e analogas, que, segundo me infórma o meu amigo o snr. Romero y Espinosa, presidente do *Folklore frexnense,* é corrente na Extremadura hispanhola, e, segundo vejo na revista *Folklore andaluz* (ex. fasc. VIII, p. 311), o é tambem na Andaluzia?

Digitized by Google

a) sômus	fumos	fússemos	furmos	seremos
sódes [31]	fustes	fússedes	furdes	seredes
som [32]	fúrum [33]	fussã	fúrã [34]	serã

seia	*b*) estou	staba	stube	*c*) cabo [35]
seias	estás	stabas	stubiste	cabes
seia	está	staba	stubo	cabe
séiamos	estamos	stábamos	stubímos	cabemus
séiades	estaes	stábades	stubistes	cabeis
séiã	estã	stábã	stubírum	cábã

Pret.

coube	*d*) trágo	truxe [36]	*e*) bêngo	beniê (vinha)
coubiste	traix		bênes	beniês
coube	trái		bên	beniê
coubímus	tráiêmus		benimus	beniêmus
coubistes	traieis		benis	beniêdes
coubírum	tráiã		bênã	beniên

f) *tener, tenendo, tenido:*

têngo	tube	tenerei [37]	tênga	tubíra
ténes	tubiste	tenerás	tengas	tubíras
têna	tube	tenerá	tenga	tubíra

---

[31] A *sódes* corresponde o ant. cast. e ant. port. *sodes* (cf. *sondes* em Gil Vicente, etc.), que, como o sing. *sós*, são por analogia com a 1.ª pess. sin.

[32] *Som* em port. é arch.; mas ainda popular no Entre-Douro-e-Minho.

[33] Diz Gessner: « Aber auch sonst erzeugt dieser Vorgang vielfach Uebereinstimmung mit dem Portugiesischen: *fuste* (port. *foste*) *Alej.* 1618; *fumos* (port. *fomos*) ib. 1492; *fustes* (port. *fostes*) ib. 2459; *furon* (port. *forão*) ib. 1590 — » (*Das Altleonesische*, p. 27).

[34] Cfr. Gessner, *ob. cit.* p. 27 e J. Cornu, *Études de phonologie espagnole et portugaise*, p. 23.

[35] A *cabo* corresponde o cast. *quepo* e o port. *caibo;* mas no dialecto salamanquino, segundo a análise do snr. Morel-Fatio (in *Romania*, x, 240) ás *Farsas y eglogas* de Lucas Fernandes, e na nossa linguagem popular, corresponde tambem *cabo*.

[36] A fórma *truxe* pertence egualmente á linguagem popular portugueza. Diz o snr. Ad. Coelho: « No latim vulgar devia existir ao lado do preterito *trac-si* uma fórma * *trac-s-ui*, produzida como *nec-s-ui*, raiz *nec*... Sobre essa fórma * *trac-s-ui*, que necessariamente existia no latim vulgar, porque era impossivel formar-se em a nossa lingua, em que falta o typo em *-ui*, assenta o perfeito portuguez do verbo *trahere*: sing. 1.ª *trouxe* ou pop. *truxe* » (*Theoria da conjug. em lat. e port.*, p. 109). Ao lado do pop. *truxe* (onde o *x* tem o mesmo som que em *buxo*) ha tambem o pop. *trouve* (que apparece nos AA. antigos; cfr. Ad. Coelho, *ob. cit.*, ib. e sqq.) e, como muitas vezes tenho ouvido, *troufe* (v = f). O gall. tem *trouxen*.

[37] Quasi *teneirei*.

Digitized by Google

tenêmus	tubimus	teneremos	têngamus	tubíramus
teneis	tubistes	tenereis	têngades	tubírades
têna	tubirum	tenerã	têngã	tubírã

g) pido [38]	*h*) dixe [39]	*i*) pôdo	*j*) fago	fiz
pides	dexiste	pôdes	faix	faziste
pide	dixe	pôde	fai	fizo
pedimus	deximus	pudêmus	fazemus	fazimus
pedis	dexistes	pudeis	fazeis	fazistes
pidã	dexírum	púdã	fáiã	fazirum

k) quix (cast. *quiso*)	*l*) pongo (cast. *pongo*, etc.)	*m*) ouvo	ouva
quijiste (cast. *quisiste*)	pones	ouves	ouvas
quijo (cast. *quiso*)	põ	ouve	ouva
quijimus (cast. *quisimus*)	ponêmus	ouvimos	óuvamos
quijistes (cast. *quisisteis*)	poneis	ouvis	óuvades
quijírum (cast. *quisieron*)	pônã	ouvã	óuvã

n) *Fórmas soltas:*

cantábades (cantaveis)	faziên (fazião)
dígades (digaes)	sentiên (sentião)
seriêdes (serieis)	serviên (servião)
trabalhássedes (trabalhasseis)	puniên (punhão)
durmissedes (dormisseis)	veriêdes (verieis)
andubo (andou)	dórum (dérão)
andórum (andárão)	scabórum (cavárão [40])
stubirum (estivérão)	aconteciu (aconteceu)
habiê (habia)	fuge (foge [41])
faziê (fazia	*dezides* e *dezeis* (dizeis)

---

[38] Em cast. *pido, pides,* etc. O nosso povo, diz tambem *pido* por *péço* (formação analogica).

[39] O gall. tem *dixen, dixo,* etc. Na ling. pop. port. ouve-se a cada passo *dixe, dixestes, dixera,* etc. A fórma *dixe* (lat. *dixi,* i. é, *dicsi*) provém de *disse* pela reducção normal de *ss* a *x* (Cf. *Consoantes,* §. 5).

[40] Do verbo *scabar*. Cf. numa lenda de Paços de Ferreira a fórma *scaba* (Apud as minhas *Tradições populares de Portugal,* §. 290, *a*).

[41] Ex. na phrase: *fuge pâr qui* (foge para aqui). Na ling. pop. port. é vulgar a fórma *fuge* por *fóge*. Camões, nos *Lusiadas* (II, 60 e 61), tem:

« *Fuge, fuge,* Lusitano,
Fuge das gentes perfidas e feras ».

Digitized by Google

F. Particulas

A;

Am (em).

P'ra (para). Esta preposição toma as seguintes fórmas: «iou vou *pâ* la feira»; «*pâ'l* mercado»; «*pâ*-les mercados»; «apanhei-lu *pâ* riba [42]»; *pâ-li* (para alli);

Por;

Cum (com);

Sim (sem; gall. *sin*);

Depuis (depois);

Alantre, adelantre (adeante [43]);

Até;

Âênde (ahi); *pâr ênde* (para ahi [44]);

Múi (pronuncia-se como se escreve, não como o port. *mũi*, cuja nasal appareceu por influencia da nasal inicial);

Lhôugo (logo);	*Quando;*
Onte (hontem [45])	*Nó* (não);
Hoje;	*Num* (não [46]);
Manhana;	*Nim* [47];
Longe;	*Cumo* (como [48]).

---

[42] Cf. o andaluz *pa*, por *paa*, por *para*.

[43] Sobre a epenthese do *r*, vid. *Consoantes*, §. 1. Em *Alex.*: *adelantre, adelantrado* (*Romania*, x, 36).

[44] Cf. a phrase: «*âênde* mesmo» (ahi mesmo). O mir. *âênde* é formado do lat. *inde*, como o port. *aonde* (adonde, onde) de *unde*. Como se sabe, *inde* deu o ant. cast. e port. *ende*.

[45] Em gall. *onte*, na ling. pop. port. *honte* (onte).

[46] Quando a negação vem acompanhada de outra palavra, traduz-se por *num;* quando vem só, por *nó*. A mesma distincção se encontra na linguagem pop. port. entre *não* e *num*, ex.: «Num vaes?—Não».

[47] No *Poem. de Alej. nin*, ex.: *nin ascuches* (51). Em gall. *nin*.

[48] Na ling. pop. port. diz-se tambem *cumo* e ás vezes *coma* (fórma archaica) ou *cuma*, em comparações: «verde *coma* as hervas» (i. é, «verde *cumás* hervas»). Na ling. ordinaria diz-se *cômo*, bem como em gall., como conclúo d'esta adivinha popular (Ap. *Coleccion* de Demófilo, p. 345):

— Quen *come* no céo?
— Quen reza o Padre-Nuestro,

onde se allude evidentemente á expressão «Asin na terra *como* no céo», posto que Piñol no *Dicc. gall.* traga *cum* (=como) com a rúbrica de archaismo.

Digitized by Google

G. Nomes numeraes

Um, dôus (*ou* quasi *ô*), dúês (duas [49]), trés, quatro, cinco, seis, siête (*i* rapido), uito, nôbe, diêss, onze, dóze, tréze, q'atorze, quinze,... deziuito, dezenôbe, vinte, trinta (até noventa, como em port.), cien (*i* rapido e *e* surdo), duzientos, trezientos, quatrocientos, etc. (sempre *ientos*), mil, milhom. — Diz-se *purmeiro* por *primeiro* [50].

III

Syntaxe

Nesta secção tenho muito pouco que assignalar. A syntaxe mirandeza não differe essencialmente da syntaxe portugueza. Notarei estas tres phrases, nas duas primeiras das quaes ha uma particularidade da syntaxe castelhana, e na terceira um pleonasmo: « A la galana *se lu* mete » (*se lu mete* = lh'o mete), « quando *se lu* mete » (ib.); « a quiên Christo *le* dixe ».

---

[49] É difficil representar o som d'esta palavra *dúês*: o accento está no *ê* que é quasi *â*. — Em Berceo, — *S. Milan* 437, 471, 485, apparece a fórma *dues* correspondente a *duas* (Vid. A. Morel-Fatio, *Libro de Alexandre*, in *Romania*, IV, 33).

[50] Tanto em gallego, como na linguagem popular portugueza, se diz *pormeiro*, *promeiro*, por influencia da labial, influencia que no dominio glottologico do portuguez se extende a muitas palavras, como *sumana*, *Supriano* (Cypriano), *buber*, etc., etc.

Digitized by Google

IV

Textos

1.

Conto popular

(Cyclo de *Christo* e *S. Pedro*)

MIRANDEZ

Era ũa vez Christo e Sã Pedro; ibã p'r'um camino, e ancontrórum um arador, dezindo múitas pragas, a quiên Christo le dixe: « Adíus, filho del Sinhor! ». E indo mais alantre, ancontrórum um próbe deitado a rezar el rosairo, a quiên Christo le dixe: « Adíus, filho del Diabo! ». E Sã Pedro, admirado, perguntou lâ causa d'aquéilhas palabras, e Christo dixe qu'el arador staba trabalhando del coraçom p'ra sustento de lâ familia, amquanto qu'el próbe staba pênsando onde iriê roubar — (Versão de Duas-Egrejas [51]).

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

Uma vez Christo e S. Pedro ião por um caminho, e encontrárão um lavrador, dizendo (i. é, *rogando*) muitas pragas, a quem Christo disse: « Adeus, filho do Senhor! ».

E indo mais adeante, encontrárão um pobre deitado a rezar o rosario, a quem Christo disse: « Adeus, filho do Diabo! ».

E S. Pedro, admirado, perguntou a causa d'aquellas palavras, e Christo disse que o lavrador estava trabalhando do coração para sustento da familia, em quanto que o pobre estava pensando aonde iria roubar.

---

[51] Este conto publiquei-o já no n.º v da revista sevilhana *El Folklore andaluz,* onde sahiu um pouco incorrecto.

Digitized by Google

2.

Narrativa popular do *Medo*

MIRANDEZ

Iou salí de lâ villa de Mogadouro e lhebaba la cochina préza c'ũa côrda, e, al chegar â la bórda d'ũa capiêlha, saliu-me um *Miêdo* que s'appar'ciê a um home múi alto, bestido de branco, e púze-se-me delantre de la cochina e seguiu-me un cácho de camino siêmpre al miu lhado, e quedaba-se als ratos, e iou olhaba p'ra trás e viê-lo mui *longe* e lhougo nu'instante staba al piê de mi; mas, quando chiguemos a la bórda d'ũa cruz, el *Miedo* púze-se a las bôltas de la cruz e alhi quedou e desapparciu — (*Idem* [52]).

PORTUGUEZ

Eu sahi da villa de Mogadouro, e levava a pórca prêsa com uma corda, e, ao chegar á bórda d'uma capella, sahiu-me um *Medo* que se parecia com um homem mui alto, vestido de branco, e poz-se-me deante da pórca, e seguiu-me um bocado de caminho ao meu lado, e quedava-se aos poucos, e eu olhava para trás e via-o mui longe, e logo num instante estava ao pé de mim; mas, quando chegámos á bórda d'uma cruz, o *Medo* poz-se ás voltas da cruz, e alli quedou e desappareceu.

3.

Lenda popular

Os habitantes de *Zenizio* (Genisio, ao pé de Miranda) chamão-se *cuquelhudos,* porque, tendo visto uma *boubéla* (poupa) pela primeira vez, cobrirão-se com lençoes e corrêrão de trás d'ella para a apanhar, dizendo: « *Sinhôra de lâ Cuquelhuda, pouzae am branco* ». Ella metteu-se num moinho, e elles, vendo rodar a mó, principiárão aos beijos a ella, cuidando que era milagre, por não verem o eixo que a movia, de maneira que a pedra lambia-lhes os queixos (*Ib.* [53]).

---

[52] Cf. as minhas *Tradições populares de Portugal,* cap. XI.

[53] Nesta lenda não ha a aproveitar senão uma phrase em dialecto mirandez. A lenda é, porém, curiosa, porque contém o rudimento d'um culto religioso, e é uma das muitas explicações que se dão das alcunhas das terras. Cfr. o meu opusculo *Dictados topicos de Portugal,* Barcellos 1881.

Digitized by Google

4.

Dialogo de phantasia

(Sobre costumes populares)

MIRANDEZ	PORTUGUEZ
— Adíus, *Manul* [54]! Pensei que teniês morrido.	— Adeus, Manuel! Pensei que tinhas morrido.
— Iou nó, *Mariê,* e tu?	— Eu não, Maria, e tu?
— Iou quaje... quaje... puis las Bruxas esta nuite fúrum-me a la cabanha e chupórum-me toda; até fazírum *negros* am los braços.	— Eu, quasi, quasi... pois as Bruxas esta noite forão-me á cabana e chupárão-me toda; até fizerão *negras* nos braços.
— Num berrabas a los pêrros?	— Não berravas aos cães?
— Iou num podiê, pois tirórum-me la falla las Bruxas, e éilhas nim de diê se veiam, puis som como l'aire.	— Eu não podia, pois tirárão-me a falla as Bruxas, e ellas nem de dia se vêem, pois são como o ar.
— Olha, *Mariê,* pide al padre que te dê um *scrito* [55], e éilhas nunca te faram nada s'el traíres al pescoço.	— Olha, Maria, pede ao padre que te dê um *scrito,* e ellas nunca te farão nada se o trouxeres ao pescoço.
— Iou, si, quiêro. Estará âm tou ganado algũa canhôna miê?	— Eu quero, sim. Estará no teu gado alguma ovelha minha?
— Num tengo vido.	— Não tenho visto.
— Els tous pêrros yá me conheçam, e yá num se zábam [56] cum els mius.	— Os teus cães já me conhecem e já não mordem os meus.

---

[54] *Manúl* (por *Manuel*) suppõe uma fórma anterior *Manúel* (com o accento tonico no *u*). A fórma pop. port. é *Manél.*

[55] Chama-se em Miranda *scritos* a uns papelinhos que os padres vendem, creio que por 100 reis, como preservativo contra as cousas más. São uma especie de *nominas* (Sobre estas vid. a minha monographia *Amuletos populares portuguezes,* — extracto da *Rev. da Soc.* de *Instr. do Porto,* — p. 2).

[56] *Zabar* é agarrar, mordendo.

Digitized by Google

— Els míus só som malos pâ els lhobos. (*Ib.*).

— Os meus só são maus para os lobos.

5.

Adivinhas populares

MIRANDEZ

a) Que será, que será,
Passa el rio
E quéda acá?
— Espingarda e tiro.

b) Que será, que será,
Pastorico de palo,
Xube al monte
A botar el ganado?
— Peine.

c) El galan e la galana
Andórum al saca e mette:
El galan, cumo mais furte,
A la galana se lu mete.
— Corchetes.

d) Am riba de ti me puz,
E tu toda te abaneste:
Iou fui-me cum el gusto,
Tu cum el lheite quedeste.
— Figueira.

e) Bunitico e guapo lu quiêran las móças, e por sou gusto se

PORTUGUEZ

a) Que será, que será,
Passa o rio
E fica cá?
— Espingarda e tiro.

b) Que será, que será,
Pastorinho de pau,
Sobe ao monte
A botar o gado?
— Pente.

c) O galã e a galã
Andárão ao tira e mette:
O galã como mais forte
Á galã lh'o mette.
— Colchetes.

d) Em cima de ti me puz,
E tu toda te abanaste;
Eu fui-me com o gôsto,
Tu com o leite ficaste.
— Figueira (o homem sobe a ella, abana-a e come os figos).

e) Bonito e guapo o querem as môças, e por seu gosto se fu-

Digitized by Google

fura lo oghero e queda pingando para el suelo.

— Brincos am las oréilhas.

ra o buraco e fica pingando para o sólo.

— Brincos nas orelhas (fica o sangue a pingar, quando se fúrão as orelhas).

f) Redondo, redondete,
Folga-se la moça,
Quando se lu mete.

— Anniêlho.

f) Redondo, redondete,
Folga a moça,
Quando lh'o mettem.

— Annel.

g) Ũa viêlha, viêlharrona,
Tên um diente am la crona.

— Aguelhada e aguelhom.

g) Uma velha, velharrona,
Tem um dente na corôa.

— Aguilhada e aguilhão.

6.

Cantigas populares de amor

MIRANDEZ

a) Cum la pena del pavom,
El sangue de las miês venas,
Hei-de screver al amor
Que anda am tierras alhenas.

b) Iou mandei-te ũa carta,
Sim ninhũa letra drento,
Para te fazer dar
Vultas al pensamento.

PORTUGUEZ

a) Com a pena do pavão,
O sangue das minhas veias,
Hei-de escrever ao amor
Que anda em terras alheias.

b) Eu mandei-te uma carta,
Sem nenhuma lettra dentro,
Para te fazer dar
Voltas ao pensamento.

7.

Cantigas populares do S. João

MIRANDEZ

a) San Joã, por vér lâs móças,
Fizo ũa fuônte de prata:

PORTUGUEZ

a) S. João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata:

Digitized by Google

Las móças num furum a éilha, Sã Joã todo se mata.	As moças não forão a ella, S. João todo se mata.
b) San Joã, por vér las móças, Fizo ũa fuônte de bidro: Las móças num furum a éilha, Sã Joã stá perdido.	*b*) S. João, por ver as moças, Fez uma fonte de vidro: As moças não forão a ella, S. João está perdido.
c) Ó míu Sã Joã de lâ barca, Ó míu santo marinheiro: Lhebai-me na vussa barca, Alhá pâ'l Riu [57] de Janeiro [58].	*c*) Ó meu S. João da barca, Ó meu santo marinheiro: Levai-me na vossa barca, Lá p'ra o Rio de Janeiro.

8.

Dictados populares

MIRANDEZ	PORTUGUEZ
a) An Miranda Nôbe mézes d'inviêrno E trés de infiêrno [59].	*a*) Em Miranda Nove mezes de inverno E tres de inferno [59].
b) Quiên sômbra Siêmpre côlhe.	*b*) Quem semeia Sempre colhe.
c) Nube de Praña [60] Nunca cá vânha!	*c*) Nuvem de Praña Nunca cá venha!
d) Tres horas durme un santo, Quatro el que num ghiê tanto,	*d*) Tres horas dorme um santo, Quatro o que não é tanto,

---

57 Cf. *Phonetica*, §. 6.
58 O mir. diz *marinheiro, purmeiro,* etc., contrariamente ao cast. *marinero,* etc.
59 Tres de inferno com calor.
60 Terra hispanhola. As nuvens d'esse lado são temidas, por causa dos temporaes.

Digitized by Google

Cinco um studante, Seis um viajante, Siête um pôrco, Uito um burro môrto.	Cinco um studante, Seis um viajante, Sete um porco, Oito um burro morto.
e) Marcio Encanharso [61].	*e*) Março (Toma canna o grão).
f) Abril Spigas mil.	*f*) Abril Espigas mil.
g) Maio Granaio.	*g*) Maio (Toma grão).
h) Junho Bota la fouce âl punho.	*h*) Junho Deita a fouce ao punho.

IV

Materiaes para um vocabulario mirandez

Aciom (ás vezes *açom*), acção. Em cast. *accion.*

Adíus, adeus. Tambem *díus* = deus.

Áquila, aguia. O mesmo em cast.

Aire, vento. O mesmo em cast.

Alas, azas. O mesmo em cast. Em Carrazeda-de-Anciães (Traz-os-Montes) usa-se tambem *alas.*

Anho, anno. O mesmo em cast. (año).

Armano, irmão. Em cast. *hermano.*

Atronar, trovejar. Em cast. *tonar;* cf. port. *troar;* lat. *tonare.*

Aiunar, jejuar. Cast. *ayunar.*

---

[61] Cf. o meu art. *Ensaios glottologicos,* II, in *Revista Scientifica* do Porto, vol. I.

Digitized by Google

Azeiteira, almotolia. É uma formação natural de *azeite*. Cf. cast. *acietera*.

Bono, bom. Em ast. *bonu, bona*. Leon. *buono;* cast. *bueno*.

Cacho, pedaço. O mesmo em cast. Em Carrazeda usa-se o mesmo vocabulo.

Campana, sino. O mesmo em cast. Cf. o port. *campanario*.

Chave, chave. Cast. *llave*.

Cheno, cheio. Lat. *plenus,* cast. *lleno*. Representa a phase anterior de *cheio*.

Côbdo, covado. Em cast. *codo* (lat. *cubitus*). Na linguagem popular port. *côbdo*.

Conceiciom, conceição. Cast. *concepcion*. Cf. *aciom*.

Corvo (*o* quasi *u*), corvo. Cast. *cuervo*.

Diabro, Diabo. Esta fórma representa o intermedio do lat. *Diab'lus* para o port. *Diabo*. Cfr. o demin. *Diabrete*.

Dreito, direito. O mesmo na ling. pop. port. — O grupo lat. *ct* que em cast. dá *ch* em *derecho, pecho,* etc. dá em mir. *ei* nas mesmas palavras, como em portuguez.

Drento, dentro. Galleg. *drento*. Cfr. Diez, *Gramm.*, I, 207.

Entom, então. O mesmo no dialecto port. de Entre-Douro-e-Minho. Em *Alej.: enton*. Cast. *entonces*.

Fame, fome. Em cast. *hambre* (lat. *famina*). O mir. é o lat. *fame-;* cf. port. *faminto*.

Ferrânha, forragem. Cf. port. *ferrãa, ferrã*.

Fiêsta, festa. Em cast. *fiesta*.

Fogaça, pão. Em cast. *hogaza,* port. *fogaça,* lat. *focacia* (de *focus*).

Fruita, fructa. Cast. *fruta,* ling. pop. port. *fruita* (arch.), galleg. *fruita* e *froita*.

Gomitar, vomitar. O mesmo na ling. pop. port. O *v* do lat. *vomitare* acha-se, pois, representado por *g;* cfr. *goraz,* etc.

Iuga, égua. Em cast. *yegua*.

Lharêgo, porco pequeno. Em Meirinhos (c. de Moncorvo) chama-se *lârégo* ao porco que não serve para cevar senão no anno seguinte.

Maçana, maçã. Em Alej. *mazana*. O cast. tem *manzana* (cf. em Gil Vicente *mançanas de ouro*), cujo *n* resultará de influencia do *m* inicial.

*

Digitized by Google

MADRIL, Madrid. Em vários pontos de Hispanha usa-se *Madrid* (d=l); cf. *madrileno, madrileño.*

MADRINA, madrinha. O mesmo em cast. (lat. *matrina*).

MÁI, mãe. Cfr. gall. *may* e *nai*. A fórma mirandeza representa o intermedio do port. arch. *mare* (in *Elucidario* de Viterbo) para o moderno *mãe,* cuja nasal appareceu por influencia do *m* inicial (como em *monco, mensagem, mũito,* etc.).

MEIOR, maior. Em leonez (*Alex.*) *meior* e *maor* [62].

MÔRTE, morte. Em cast. *muerte.*

NINA E NINO, menina e menino. Cf. o galleg. *neno, nena,* e o cast. *niño, niña.* Na linguagem infantil da Beira-Alta, etc., a palavra *nêna* significa *boneca* (feita de panno).

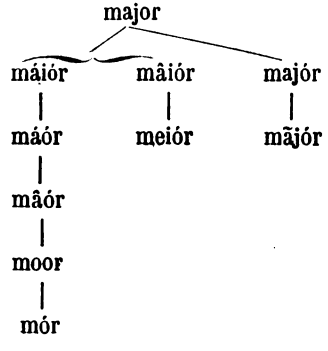
NUITE, noite. Já tenho ouvido tambem a gallegos *nuite.*

NÚMARO, numero. A ling. pop. port. tem tambem *númaro* (ao lado de *numbro* com *b* epenthetico como em *cambra,* etc.), cujo *a* resulta da influencia do *r* seguinte, como em *chícharo, pássaro,* e noutras muitas palavras (*sarrar, misaravel,* etc.).

OURIFEIRO, ourives. Este termo parece apontar para um * *aurifarius,* formado sobre o typo *aurifex* por imitação dos nomes em *-eiro* (*-arius*), com quanto tal formação seja fóra do commum. Em mir. ha mais *ouribeiro* (que eu ouvi a uma mulher) derivado de *ourifeiro* pelo intermedio * *ouriveiro* (f=v=b).

---

[62] Em port. ha tambem *mâior, máor* (Minho), *máior, mâior, meior, mâor,* ant. *moor, mór* (cf. ainda *guarda-mór, mórdomo-mór* em que entra *mór* duas vezes, *capitão-mór,* etc.); ha além d'isso o termo milit. mod. *major* (vindo por intermédio do fr.?), que o povo pronuncia *mãjor.* Eis um schema da historia do lat. *major* em portuguez:



Digitized by Google

PADRINO, padrinho. Cf. *matrina.*

PAI, pae.

PALHA, palha. Cast. *paja.*

PREGUICIA, preguiça. Lat. *pigritia.* Em Alex. *pegricia.*

PUDOM e PUDONA, podão e podôa (que o povo pronuncia *pedão, pedôa* na Beira-Alta); cf. *podar* = lat. *putare.*

QUIÊDO, quiéto. Em cast. e port. *quieto.* Em port., na ling. pop., ha *quéto* (Minho) e *quêdo* (passim). Lat. *quietus.*

RIZA, riso. Em cast. *risa.*

RATO, espaço de tempo. O mesmo em cast., e, segundo me affirmão, no Barroso (Traz-os-Montes). Cfr. a phrase mir. *espere um ratito!*

RIGUEIRO, ribeiro; cast. *reguero.*

RUGA, rua. No ital. arch. *ruga.* Em Villa-Secca-de-Armamar (Beira-Alta) diz-se tambem *ruga* = *rua.* A uma mulher de Miranda ouvi tambem pronunciar *rô* = rua (o som *rô* é difficil de representar).

REISENHOR, rouxinol. Em cast. *ruiseñor,* lat. *lusciniolus.* Na fórma mir. é possivel haver uma influencia da etymologia popular.

SQUILAS, campainhas; segundo me informou a mesma mulher. Cfr. it. *squilla* in Diez, *Et. W.,* 4.ª ed.

SUBRE-CENA é uma comida depois da ceia. Em mir. *ceia* é *cena* (cast. *cena*).

SUBRINO, sobrinho. Em cast. *sobrino.*

SUMBRAR, semear. Cast. *sembrar,* lat. *seminare.*

ZINÓLHO, joelho. Diz Gessner: «Im *Alej.* findet *gynoio, ienoio* 103, 1094» (*Das Altleonesische,* p. 15). No *Diccionario de antiguëdades* (apud Gessner, ib. p. 8) vem *genoillo,* que parece estar para *gynoio* como por ex. *conceyo* para *conseillo.* O mir. é bem o lat. *genuculum.*

Digitized by Google

Conclusão

Quando se lança uma vista d'olhos sobre os dialectos romanicos que se fállão na peninsula iberica, observa-se que uns estão para com os outros numa certa relação de continuidade, sem lacunas muito grandes, nem muito bruscas, que os separem completamente; o que, porém, de um modo geral não quer dizer que entre elles se dérão misturas reciprocas, mas que todos se desenvolvêrão do latim popular romano de tal modo, que ainda da vida das linguas fosse verdadeiro o celebre aphorismo: *Natura non facit saltus.* Ao NE. o *aragonez* [63] fórma como que a transição do *catalão* [64] para os dialectos do centro da Hispanha (*castelhano,* etc.); o *andaluz* e o *extremenho,* que, a julgar pelos textos que conheço, pouco ou nada differem, assemelhão-se mais aos de NO. e O. do que aos de NE. e E.; o *asturiano* é ainda hoje mais visinho do *portuguez* do que do *castelhano* [65]; o *leonez* forma um intermédio entre estes dois ultimos dialectos romanicos [66]; o *berciano* «se castellaniza á medida que los pueblos del pais se van acercando á Castilla, ó se galleguiza completamente segun que sus opuestos confines van tocando los de Galicia [67]»; o mesmo que a respeito do berciano se póde dizer a respeito do *portuguez* na fronteira da Galliza. No meio de tal variedade dialectologica, o *mirandez* vem occupar o seu logar no grupo NO., ao lado do *asturiano-leonez,* entre este sub-grupo e o sub-grupo gallecio-portuguez, que pertence em parte ao NO. e em parte ao O. Ficão estabelecidos nos capitulos precedentes alguns pontos de analogia entre o *mirandez* e os seus vizinhos; mas, apesar d'isso, e de no vocabulario mirandez haver muito, quer do castelhano, quer do portuguez, não deixa o dialecto, aqui estudado, de revelar uma

---

63 Cfr. M. Fatio in *Romania,* XI, 345.

64 que se subdivide em *catalão oriental* (barcelonez, etc.), *occidental* (valenciano, etc.) e *baleárico* (Vid. *Estudios de lengua catalana,* por M. Milá y Fontanals, p. 1).

65 Diez, *Gramm.* I, 87.

66 Id., ib., 90.

67 *Ensayos poeticos en dialecto berciano,* por Fernandez y Morales, — Leon 1861, p. 4.

Digitized by Google

individualidade muito para assignalar. Em quanto que o astur. tem o *ñ* inicial, o *y* correspondente ao port. *lh* (ex. *migaya, semeyante;* cf. extremenho *cabayo, yebar;* leon. *maio* = cast. *mallo*, deriv. *maiadura, maiamento,* — in *Romania* IV-46), e diz *casá-me* = casar-me, *llevantá-se* = levantar-se, — o mirandez não revéla nenhum d'esses phenomenos, pelo menos nos factos que conheço. A quéda do *d* medial, vulgarissima no andaluz (*too* = todo, *sordáo* = soldado), onde é conhecida ha muito, e corrente tambem, não só no asturiano (*criau* = criado, *pecau* = peccado), mas no castelhano familiar, não se dá em mirandez com mais frequencia do que em portuguez. No andaluz o diphthongo *ue* em *güerto* (= cast. *huerto*), *güeso* (= cast. *hueso*) e outras fórmas, é precedido de uma leve aspiração (*g* suave); no ast. encontra-se tambem *güeso, güerto, güeste, güe,* etc., etc., e em leon. (*Poema de Alex.*) ha *huuesso* com aspiração (M. Fatio in *Romania,* IV-46); mas no mirandez, como vimos (*Consoantes,* §. 8), parece dar-se unicamente na raia esse phenomeno, exceptuando talvez os diphthongos *ghiês* (= és) e *ghiê* (= é), onde, como tambem vimos, haverá um phenomeno da mesma natureza.

Á influencia do port. e cast., e ao parentesco do mir. com os outros dialectos do grupo, offerece-se uma base historica. Portugal, a que pertence Miranda-do-Douro, formou-se politicamente do territorio de Leão no sec. XII. Attendamos mais a que a *terra de Miranda* fica visinha d'aquella provincia hispanhola, entrando mesmo por ella dentro, e que ainda hoje se mantéem constantes relações commerciaes entre os de lá e os de cá. Miranda, no princípio da monarchia portugueza, era pouco importante; foi D. Diniz até que a fez villa. Outro facto significativo, e que mostra a influencia de Leão, é este: D. Sancho I doou em 1211 ao mosteiro leonez de Moreruela o reguengo de Infaneis (Infanes), no angulo que a linha da fronteira fórma para o Nascente acima de Miranda [68].

---

[68] A. Herculano, *Hist. de Port.*, II, 433.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google